

Barrolândia já agrada moradores

9 MAR 1969 38-Imigrantes

A transferência de 150 famílias da 110 Norte para a **Barrolândia** — Brasiliinha (GO), em lotes cedidos pela Prefeitura local, mudou a vida da comunidade de julho do ano passado para cá. A elas juntaram-se outras 60 famílias da Vila Paranoá, 15 que viviam nas guaritas do SCS e 60 da feira local, todas submetidas, até então, ao ambiente infecto das favelas, sob risco de doenças e sem perspectivas de melhoria de vida. Os que resistiram à transferência estão espalhados por invasões e viadutos, ou no ambiente promiscuo em que transformaram o Centro de Desenvolvimento Social de Sobradinho.

Com apoio da Fundação Maria do Barro e da LBA já foram construídas 83 casas de tijolos, com cobertura de telhas de amianto. A cada semana, segundo um dos líderes comunitários, são construídas duas novas unidades habitacionais em substituição aos barracos de madeira. O Posto Médi-

co já está em funcionamento, esperando-se para os próximos quinze dias a conclusão de uma escola e uma creche. Foram abertos um poço artesiano e quatro cisternas, todos com boa produção de água. O primeiro dependente de ligação da luz para começar a ser utilizado. A Caesb e a Prefeitura de Brasiliinha colaboraram, por enquanto, com carros-pipa. Há condução para quem trabalha tanto na vizinhança como em Brasília.

PIONEIROS

As famílias da 110 Norte começaram a ocupar Barrolândia dois meses antes da derrubada da favela em operação que envolveu as Secretarias de Serviço Social, de Viação e Obras e de Segurança, efetivada com a incineração do que restou dos casebres. Cada uma recebeu lote de 12x30 metros, com compromisso de reservar 15m da parte

fronteira para área verde. O primeiro trabalho da Fundação Maria do Barro foi implantar política de vida comunitária, conscientizando os ocupantes da nova comunidade sobre a necessidade de se ajudarem mutuamente.

Foi iniciada a construção de casas em adobe — tijolos crus compostos de barro e capim — aproveitando-se a época da seca. Com o período de chuvas, houve queda na produção do materiais, passando-se a utilizar tijolos cozidos na olaria instalada pela Fundação. Posteriormente, alguns moradores adquiriram tijolos de cimento, com recursos próprios ou ajuda da instituição e da LBA. Construiu-se um galpão que abrigou, inicialmente, as famílias expulsas das margens do Paranoá Norte e agora é utilizado como ampliação da olaria. O atendimento médico também está sendo estruturado, já que antes ocupava uma unidade ambulante.